

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA
Direcção do Collegio Vimaranesense
DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimaraes

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originnes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario—*Radix Omnium Virtutum Crux, Manoel P. Montenegro*—*Reparação, Matos Ferreira*—*A arte e a religião, F. Castellar*—*Meditações, P.º Antonio Hermano*—*Acta Mensis.*

ACTA MENSIS

A festa de S. Luiz

A Associação de S. Luiz teve no dia 27 de maio a sua festa annual.

Verdadeiramente sympathica, essencialmente religiosa, esta festa de estudantes não desmereceu da do anno anterior.

Na vespera esteve illuminada a frontaria do templo e do collegio, queimou-se muito fogo do ar etc. No dia 27 principiou a festividade pela communhão de todos os collegiaes. Alguns receberam pela primeira vez este augusto sacramento das mãos do dignissimo Director. Então o rev. Oliveira dirigiu aos neo-commungantes uma allocução apropriada e o menino Eduardo Almeida profundamente commovido pediu perdão em nome dos seus companheiros a todos os presentes. Se não foi esta a parte mais pomposa da festa, foi a que mais profundas e gratas impressões nos deixou.

A's 11 horas principiou a missa solemne a grande instrumental. Foi celebrante o rev. Hermano Amandio, presidente nato da Associação. Subiu ao pulpito o distincto professor do collegio dr. Montenegro que fez uma estreia promettedora. De tarde houve encerração do SS. Sacramento precedida de sermão e solemne *Te Deum*. Foi orador o rev. Cunha Gonçalves de Felgueiras que discursou brilhantemente sobre os males de que enferma este fim de seculo. O templo estava ornado com bom gosto. O altar de S. Luiz matizado com mimosos ramos de flores brancas e grande profusão de lumes em ricas serpentinas de prata era d'um effeito deslumbrante. Durante a tarde tocou muito bem a musica da Povoia de Lanhoso.

São dignos de louvor os actuaes membros da meza pela bba vontade a esforços que empregaram para dar a esta festa todo o brilhantismo que e revestiu.

LISTA DOS COLLEGIAES QUE REQUERERAM EXAMES

	Port.	Fr.	Ing.	Geog.	Lat.	Hist.	Lit.	Math.	Phys.	Phil.	Des. 1.º	Des. 2.º
Abel A. de Freitas Torres	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
Abilio Antunes d'Azevedo	—	2	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—
Abilio C. da Rocha Miranda	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—
Abraão Mauricio de Carvalho	2	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Acacio Jorge Guimarães	3	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Aguilar Teixeira da Costa	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Albano Gustavo de Mesquita	—	—	—	—	2	—	—	3	—	3	—	2
Albano José Peixoto	—	—	3	3	—	—	—	—	—	—	—	—
Alberto C. F. Pereira Guimarães	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—
Alberto Machado de S. Bastos	—	—	—	3	3	—	—	—	—	—	—	—
Alberto N. da Costa Leite	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—
Alberto Ribeiro Jorge	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	4	—
Alberto P. Leite de Magalhães	—	—	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—
Alberto Maria Carneiro	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1
Alberto de Sousa Moreira	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—
Albino d'Azevedo Maia	—	—	—	—	6	2	—	—	—	—	—	—
Albino Mendes d'Oliveira	6	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alfredo Mendes da Silva	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alfredo Teixeira Machado	—	11	—	3	—	—	—	—	—	—	6	—
Allino da Costa Maia	—	—	7	7	—	—	—	—	—	—	—	6
Alvaro R. da Costa Sampaio	12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Amadio A. A. de Mello Caldas	—	14	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Amilear Barra M. da Cruz	15	15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Aniibal de Mesquita Guimarães	16	16	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Antonio A. de Freitas Coutinho	—	—	—	9	—	—	—	—	—	—	—	—
Antonio Augusto d'Oliveira	—	—	—	10	—	—	—	—	—	—	—	—
Antonio Dias Machado	—	—	—	—	11	8	—	—	—	—	—	—
Antonio E. Leite de Faria	18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Antonio da Fonseca Guimarães	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—
Antonio Francisco Coelho	—	—	—	—	—	—	—	—	4	—	—	10
Arlindo Candido Martinó	—	—	13	—	—	—	—	—	—	—	10	—
Antonio M. de Pinho e Sousa	—	—	11	—	—	9	—	—	—	—	—	—
Antonio M. do Amaral e Freitas	—	—	10	13	—	—	—	—	—	—	—	—
Antonio de Freitas Torres	19	18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Armindo M. Pinto Rodrigues	29	27	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Arnaldo V. Neves da Cruz	—	—	14	15	—	—	—	—	—	—	—	12
Arthur A. P. Dias de Freitas	—	—	15	16	—	—	—	—	—	—	—	—
Arthur de M. Freitas Pinto	—	—	—	—	—	—	—	14	8	—	14	—

RADIX OMNIUM VIRTUTUM CRUX

Senhores

Ninguem, ao ler attentamente a Historia da Igreja se pode conservar indifferente perante o insolito espectaculo que ella patenteia em cada uma de suas paginas.

A cada passo o espirito se suspende como assombrado na contemplação de estranho quadro, e raro não é, perpassar batendo as negras azas a duvida, ainda que logo afugentada pela auctoridade do narrador.

Ha alli abnegação de mãe carinhosa que mais parece deshumanidade, acção de criança que seria heroismo em robusto coração adulto, feitos d'homem que exigiriam larga envergadura, herculea.

Parce-nos ali estar assistindo ainda ao levantar d'essa immensa mole que tem por base uma cruz e que abarca hoje na sua colossal grandeza quasi vinte seculos no tempo, e toda a terra e todo o mar no espaço.

Destacam-se os operarios a lidar sem treguas, sem quebrantos com os rijos musculos retezados n'um esforço raro, com as grossas veias entumecidas n'uma suffocação unica, vê-se o suor aljofrar-lhes as frontes, sentem se lhe arfar os peitos e pulsar os corações na mesma palpação, empenhados em dar aos alicerces aquella solidez á prova de muitos seculos de tempestades.

Tempestades, lutas e heroismos. Eis a historia da Igreja e o titulo da sua gloria.

Quando a palavra sublime, que Jesus ensinou aos pescadores da Judeia, lá nas margens do Genesareth ia ser espalhada aos quatro ventos da terra, muitos empallideceram ao ouvil-a, porque essa palavra que se erguia como luz no meio das trevas, era palavra de revolução.

Era um abysmo que se abria para sepultar o cadaver do

passado; por isso todos os que viviam do cadaver viram de perto aquella cova e tremeram.

Estremeceu em Roma o Cesar no alto do seu throno, ouvindo pela primeira vez o miseravel escravo dos seus ergastulos chamar-lhe irmão, e um judeu seu subdito proclamar-se soberano d'um imperio maior que o d'elle, d'elle, que com o seu sceptro dominava quasi o mundo.

Estremeceu o Summo Sacerdote em Jerusalem, elle, o interprete dos Livros Sagrados, sabendo que um Galileu desprezivel apregoava o fim da religião de Moyses.

Estremeceram os Phariseus, emmudecidos na sua sciencia e desmascarados na sua hypocrisia.

Estremeceram os Sacerdotes dos idolos, porque lá se iam as pingues rendas dos templos, que os engrossavam.

Estremeceram judeus e pagãos, aquelles ao desfazer-se como a onda do Tiberiddes o sonho ha tanto tempo acari-ciado do seu Messias com os fulgores deslumbrantes da sua espada, estes porque os idolos que lhes toleravam todas as paixões e os divertiam com a pompa de suas festas perdiam já a sua magica influencia.

Estremeceu finalmente essa pleiade de philosophos e rhetoricos do seculo d'Augusto que, formados no espirito do saber antigo, foram ainda uma vez conversar com Socrates e Platão.

Este era o baluarte ainda grande e forte do mundo antigo. Ninguem ousaria defrontal-o.

No dia em que os discipulos de Jesus appareceram proclamando a egualdade dos homens diante de um Deus, que uns desconheciam, outros fingiram desconhecer e procuraram nivelar o pobre com o rico, o fraco com o poderoso, a victima com o oppressor, arrancar o escravo das mãos do senhor, elevar a mulher á dignidade de companheira do homem, salvar a sociedade da tyrannia dos poderes publicos, ouviu-se um rugido medonho como de leão ferido.

Loucos! Onde havia legiões como as de Cesar? Força que apciasse os idolos dos seus pedestaes? Quem poria peias ás esperanças dos judeus?

Mas a grandeza da epopeia ha de medir-se pelos obstaculos encontrados para levar a empreza a cabo, e estes afiguram-se insuperaveis.

Todos os que eram grandes pela força, pela auctoridade, pelo talento, juraram anniquilar o inimigo commum que todavia passados tres seculos engrossara as fileiras e erguera a Igreja.

Mas n'esses tres seculos cada pedra da Igreja tem esculpido um nome, o nome do heroe que a levantou e cada heroe é um martyr; os nomes que alli vêdes estão escriptos com o seu sangue.

Mas n'esses tres seculos, e ainda nos que proxicamente se seguiram, contra cada theoria opposta á fé, theorias erroneas bem tecidas, de que os racionalistas modernos se fizeram echo, apparecem centenares de refutações brilhantissimas.

Assim começada esta luzentissima epopeia da historia da Igreja, continúa sempre deslumbrante, sempre esplendida atravez dos seculos, porque após os martyres e apologistas da fé surgem os santos, outros heroes tambem, formados não na lueta com os Cezares ou com o gnosticismo e arianismo, mas na luta das proprias paixões, no desprezo do mundo e na observancia da caridade, despindo muitas vezes as galas, abandonando as honras e as grandezas que lhes offerecera um berço illustre como o dos Gandias ou dos Aquinos, para, por mortificações e austeridades se aproximarem do grande ideal apresentado por Jesus Christo: «Estote perfecti sicut Pater vester. . . »

Tal foi S. Luiz Gonzaga.

Primogenito dos marquezes de Castilhione, não se deixa seduzir pelas lisonjas que o cercam na sua infancia, despreza um futuro brilhante nas armas, as delicias da côrte, os passatempos da sociedade, a corôa de marquez e o aparato da sua casa para cumprir aquella palavra do Salvador: «Deixa parentes e amigos, toma a cruz e segue-me».

Todos conhecem os traços mais salientes da sua curta vida, ninguem ha que não saiba que S. Luiz Gonzaga, que

hoje a Igreja apresenta á nossa veneração é um dos modelos mais perfeitos e mais completos das virtudes christãs, exemplar na abnegação de si, na castidade, na humildade, na paciencia e na caridade, por isso dispensando-me de lhe fazer o panegyrico, ou o elogio de qualquer de suas virtudes, irei á fonte e origem de todas ellas, tentando demonstrar que aquella cruz que S. Luiz Gonzaga contempla é a inspiradora dos grandes heroismos que admiramos na historia da Igreja e que a fé n'essa cruz é para o homem n'este desterro a sua unica consolação.

Meu Deus Sacramentado, do alto do vosso throno illuminae as trevas da minha intelligencia com um raio da vossa luz para que eu possa desempenhar, como convem, a missão que me está confiada.

A vós, senhores, peço attenção e benevolencia, que eu principio.

Senhores:

O que out'ora se disse grande e forte cahiu desfeito em pó, e os seus esplendores momentaneos, tornando esta queda mais ruidosa serviram apenas para pôr em relevo a mentira d'essa grandeza e attestar a verdade de uma grandeza maior, a grandeza da cruz.

A cruz! Como é grande e magestoso esse lenho e comovente a sua historia! Outr'ora supplicio de crimosos; procurae-a hoje nas bandeiras das nações, que a vereis lá estampada a firmar-lhes a civilisação; no palacio do rico a decorar-lhe as salas, no quadro do pintor a abrilhantar-lhe a tela, no livro do poeta que lhe canta as glorias, no peito do pobre que vos estende a mão, no rosario do peregrino a dar-lhe pousada em terras estranhas, junto do leito do enfermo a suavisar-lhe a dor, tão alegre no cume dos montes á espreita do primeiro sorriso da aurora, no fundo dos valles tão melancolica a despedir-se do ultimo raio de sol que se esconde no horisonte, no adro da parochia e no altar do templo, na pia baptismal quando nos amanhece a vida, e sobre

a campá a implorar ainda para nós uma oração quando a ultima pá de terra nos esconde no tumulo.

É que essa cruz que assistiu á queda de Jerusalem e viu os barbaros rasgarem a purpura dos Cesares, já manchada pelos Neros e Caligulas, legou-a aos homens o Salvador para que fosse na terra perpetua recordação do testemunho que n'ella deu da divindade da sua missão e da verdade da sua doutrina.

É que o sangue que n'essa cruz clamou misericordia para os filhos d'Adão, está ainda rubro e fumegante a recordar o sacrificio voluntario do justo, exemplo de heroismo, unico na historia, que se não contem nos estreitos limites do coração d'um homem.

Codrus dando a vida para salvar a Grecia, Decio sacrificando a sua pela integridade da republica, patenteiam almas de fino quilate a trasbordar coragem e abnegação patriótica, mas não fazem mais que seguir um exemplo d'amor patrio, vulgar antes d'elles e depois muitas vezes repetido.

Pelo contrario Jesus Christo no Calvario é singular e inimitavel. Debalde se procura um vulto que se lhe aproxime, os fastos da humanidade não destacam senão figuras pallidas e descoradas junto d'aquelle typo ideal.

Ouvi as palavras muito conhecidas d'um encyclopedista francez, testemunho insuspeito, por que esse encyclopedista chamou-se Rousseau: «Quem se atreve a comparar o filho de Sophronisca com o filho de Maria? Que abysmo d'um ou outro! A morte de Socrates philosophando tranquillamente com os seus amigos é a mais suave que se póde desejar, a de Jesus expirando atormentado, injuriado, escarnecido, maldito por um povo inteiro a mais horrivel que se póde recear. Socrates tomando a taça envenenada abençoa o que lh'a apresenta e que chora, Jesus no meio d'um suplicio horrivel ora pelos seus encarnicados algozes. Sim, se a vida e a morte de Socrates são d'um sabio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus».

Que bellas palavras escriptas com a penna d'um impio! Como a Providencia parece zombar dos incredulos, obrigan-

do-os pela evidencia da verdade a darem em raptos geniaes testemunho d'ella!

Prudhon, Diderot, Dalembert e Voltaire, confessos racionalistas, parecem inspirados ás vezes a fazer a apologia do Christianismo e têm tambem palavras assim.

É que a verdade embora possa sophismar-se impõe se, e a verdade é Jesus Christo.

Na fronte onde brilha a chama do genio costuma a natureza cunhar tambem o sello da desgraça, e poucos d'esses homens que veem ao mundo só de seculos a seculos para darem uma volta á roda social cingem a cabida corôa de louros sem que primeiro tenham cingido uma d'espinhos.

O cultivador antes de encelleirar a fertil colheita da semente que lançou á terra, fecunda-a com o suor do seu trabalho e não raro com lagrimas bem amargas.

Assim o genio que lutas não trava, porque fadigas não passa, antes que a gloria lhe enflora a fronte?

A's vezes morre esquecido no Caminho d'ella, e só a posteridade o conhece e o vinga das injustiças do seu tempo.

Não se aspira á benção dos vindouros sem se receber a maldição dos contemporaneos.

O genio surge sempre n'uma sociedade que o não comprehende e quando quer arrancar-lhe um erro, os homens que a ella pertencem insurgem-se contra o genio porque á sombra d'esse erro os seus paes viveram seculos.

A cada liberdade que prega oppõe-se um privilegio antigo, a cada direito que proclama uma preocupação velha.

Perante o propheta do futuro levanta-se a espada do magistrado do presente, em frente do pensador novo, os pensadores encanecidos do passado.

Jesus Christo, o espirito mais bello, mais elevado, mais penetrante, mais universal, a synthese do passado, o apostolo da verdade que desenove seculos aprovam, que milhares de gerações abençoam na ideia liberal e civilisadora que lhes deu erguendo-se n'uma sociedade egoista de privilegios,

conservadora de preconceitos, preche de despotismos, devia tambem pagar o seu tributo á lei geral da perseguição.

A sociedade em que viveu nem se deu ao trabalho de lhe analisar a doutrina, viu-a só pelo prisma do seu interesse, a reagiu contra o philosopho e lavrou-lhe sentença de barbarissima morte.

Não o conheceu, o revolucionario era mais que um homem, era homem e Deus, homem como nós, Deus como seu Pae, mysterio incomprehensivel, inexplicavel união de duas naturezas n'uma só pessoa, labyrintho em que a razão se perde e que não pode regeitar, como não regeita no homem a união hypostatica da alma e do corpo, outro mysterio, como não regeita a memoria que tem sempre á sua disposição um acervo enorme de ideias, de lembranças, de factos, sem que possa saber onde os guarda, d'onde os tira, como a propria razão com essa successão indefinida de pensamentos e reflexões, como até a sciencia com tantos *ignoramus e ignorabimus*.

Todo o effeito tem uma causa correspondente e Jesus Christo se tem sêde e pede agua á Samaritana, revela-lhe tambem os segredos mais reconditos do seu coração, se ouviu a accusação da mulher adultera escreve tambem na arcia os crimes secretos dos accusadores, se chora o Lazaro tambem o ressuscita, se . . . mas faltaria-me o tempo.

Jesus Christo como Deus havia-se de toda a eternidade imposto o sacrificio de incarnar, para como homem soffrer e morrer pela humanidade decahida.

E' porisso que o seu sacrificio, voluntario porque é de um Deus, é immenso pela dôr e pela comprehensão.

Pela dôr, porque nunca o houve mais torturante; pela comprehensão, porque os seus effeitos se não limitam a um povo, estendem-se a toda a humanidade nas gerações passadas, presentes e futuras.

Que amor e que soffrimentos?!

Que caridade e que humilhações?!

Não soffre assim o pae ultrajado pelo filho que estremece, nunca homem algum se humilhou tanto, como aquelle que

com uma palavra creara o mundo, e que sem uma palavra aniquilaria o mundo e a humanidade.

Que amor! Não ha coração que o comprehenda, linguagem que o traduza, palavras que o descrevam.

Jesus morreu, e logo a cruz descendo o Calvario veio dizer ao homem: 'Trago-te o perdão de Deus, ouvi-lh'õ pronunciar n'aquelle monte. Vês este sangue que humedece estes meus braços? Não fujas, que já não sou patibulo de scelerados, este sangue é do justo que morreu por ti.

Amon-te muito, muito, senti sobre mim palpitar o seu coração e cada pancada era uma nota d'amor por ti e pelos teus filhos.

Peccaste contra Deus, a sua justiça está satisfeita. Agora porque foste tu que peccaste, para que os merecimentos d'aquella morte te sejam applicados é preciso que me abraces e imites as suas virtudes. Acredita-me, que mais alto fala este sangue. Elle te aproveite.

Desde então, tudo se apinha aos pés da cruz. Chega o rei a ceder-lhe o throno, o rico a fortuna, deserta o genio da eschola do sophisma e indo meditar á sua sombra, offerece-lhe a sua penna inspirada e a sua palavra eloquente, e os que não teem thronos, nem riquezas, nem talento dão-lhe o que teem, o coração, d'onde elle desprende como das cordas vibrantes e sonoras d'uma lyra, os hymnos mais ternos e maviosos da caridade, ensinando-lhes como se perdõa uma injuria, como se sacia um faminto, como se mitiga uma dôr, como se cura uma chaga, como se pensa uma ferida.

Tal é a licção de grande amor aprendida de Jesus Christo.

E' assim que a cruz, transformada em altar da religião dos opprimidos, principia na terra o reinado da caridade, até ahí desconhecida.

Nas sociedades antigas, n'aquelles povos mesmo, que blasonavam de elevada civilisação, toda a miseria era barbaramente ultrajada.

Ahi a indigencia era uma degradação social, que punha o pobre fóra da humanidade.

Ahi, ao lado de um punhado d'homens, que faziam da liberdade um monopólio, vegetavam entre o supplicio da fome e o supplicio mais duro ainda do desprezo milhares e milhares d'escravos, de dia oprimidos pelo trabalho e avergoados pelo açoute, de noute acantoados em subterraneos infectos. E a philosophia do tempo que zelava a dignidade do homem impunha silencio ás lagrimas de compaixão, ensinando que a piedade era fraqueza.

Apparece então Jesus Christo e diz-lhe: enganaram-te, chora com o pobre, que o pobre sou eu, se lhe deres uma esmola a mim dás.

E o pobre hoje, sem corar, estende a mão ao rico porque a esmola d'este não é um soccorro lançado á miseria, mas um tributo pago á realza de Jesus Christo.

Antes de ser civilisada pela cruz, a sociedade não conhecia outros monumentos senão os arcos triumphaes, os theatros e os templos dos idolos. Agora vê erguerem-se edificios novos, onde o pobre tem pão e instrucção.

E Deus sabe quantas lagrimas custa ás vezes uma lagrima que se enxuga!

Quantas maguas, uma dôr que se suavisa!

Um pae tem uma filha que estremece, daria a vida para lhe poupar uma lagrima, e um dia porque se fere ali uma batalha, ou grassa além uma epidemia, pobre pae, vê-a desprender-se-lhe dos braços e abandonar a casinha que tanto amava. Ide vê-la agora n'uma ambulancia ou n'um hospital.

E' um anjo sempre vigilante á cabeceira do doente, que nem sempre tem lagrimas de reconhecimento para tanta dedicação.

Só o Christianismo pôde converter os homens em anjos, só no seio do Christianismo se podiam formar estes heroes que á porfia têm praticado todos os preceitos da caridade evangelica, fazendo-lhe exalar este suave perfume de modestia tímida que em si mesma esconde o bem que faz.

E quem dá a estes martyres tanta abnegação?

A cruz, que se como monumento de redempção estendendo os braços ao homem o convida algumas vezes ao sof-

frimento, como symbolo de fé, apontando lhe o ceu, rasga-lhe tambem dourados horisontes de esperança.

A fé!

E que seria do homem sem ella?

Contrastes singulares, bem singulares, tem a existencia do homem.

Quando nasce a terra é para elle um paraíso, porque os primeiros passos no caminho da vida dá-os pisando flores. Nada perturba o sorriso do innocente. A infancia decorre-lhe remançosa entre os beijos carinhosos d'uma mãe e os doces afagos d'um pae, como as limpidas aguas de um arroio por entre massiços de verdura.

Quando fita o horisonte, vê o dilatado e infinito, não distingue as sombras que o empanam, nem as tempestades que relampagueiam por todas as suas orlas.

E' tão alegre, tão bella, tão cheia de illusões esta edade, que se acredita toda a vida assim. A vida! A creança não pensa na morte, confunde quasi o limite sensivel da existencia com o infinito da eternidade. A infancia é um sonho tão doce, um sonho tão bello, que é pena ser um sonho.

Mas não tarda a chegar a serpente que a expulsará d'este paraíso.

Julga-se impossivel a morte.

Mas um dia na primavera da vida, principiamos por ver morrer a pessoa mais amada, a mãe de quem recebemos a vida, o amigo que compartilhou nas nossas alegrias, e então admiramos a facilidade com que se morre e a continuação da nossa vida depois de desaparecerem aquellas vidas sem as quaes nos parecia impossivel viver.

Mas se não morremos n'estas horas de indiseveis angustias, começamos a morrer.

Com a morte da mãe, vae nos um pedaço do coração, depois, um por um, vemos cahir sobre a terra, como as folhas no outomno, todos os seres que nos são caros.

Não só enterramos as nossas affeições, a nossa mãe, os nossos irmãos, os nossos amigos, enterramos tambem todas as nossas illusões, todas as nossas esperanças.

E agora, senhores, onde irá o homem buscar consolações para tanta dôr?

Ao coração d'um amigo?

Já os não tem.

A' philosophia? Ah, a philosophia zomba de tudo, seria capaz de lhe dizer com o sorriso voltaireano nos labios que não acreditava na sua dôr.

A's recordações do passado?

Oh! essas verteriam mais um travo na sua amargura.

Aonde pois?

A' religião e só á religião, que apresentando-lhe o quadro das maiores dores que o mundo viu, o quadro do Calvario em que uma Mãe vê crucificar seu Filho, lhe dá a força da resignação que lhe falta, e lhe ensina que esta vida é um desterro, um valle de lagrimas, que a verdadeira patria do homem é o céo, onde poderá encontrar, se os imitar, a mãe, os irmãos, os amigos, que viu morrer na santa serenidade da sua virtude.

DISSE

Manoel P. Montenegro.

REPARAÇÃO

Não é, Senhor, de balde que nos mandas
os labios calcinar em agonias;
nem ao caminho nosso o fel envias,
de injustiças, protervias bem nefandas.

Os rigôres mais diros Tu abrandas;
te' os contrastes Tu compões e allias.
Tudo equilibra a rotação dos dias,
mais cedo ou tarde, em bem diversas bandas.

Quando a morte, espreitando-me o estertôr,
me der á face o osculo gelado,
hei de exultar, que eu fio em Ti, Senhor.

E a tua mão,—n'um gesto de indignado,
ha de vir compensar-me em luz e amor,
de quanto o mundo vil me tem roubado!...

Mattos Ferreira,
priôr em Cintra.

A ARTE E A RELIGIÃO

De Emilio Castellar.

A luminosa região da liberdade principia na arte. Esta esphera da nossa vida espiritual distingue se das outras espheras por ter em si mesmo as suas leis e o seu fim proprio. A arte pura não tem nenhuma utilidade, e n'isso consiste especialmente a sua grandeza. A arte não obedece a nenhuma lei estranha a ella, nem mesmo ás leis moraes; e para não ter nenhuma finalidade alheia a ella, nem sequer, ah! tem o bem por fim. Produz'o, mas sem vontade de o intentar. Cumpriu toda a sua essencia quando realisou a formosura. Não se propõe primeiramente aquillo que consegue, e que é dispartar puras emoções e desinteressada contemplação.

Produz por produzir, cria por crear, canta por necessidade de cantar.

Que lhe importa á ave celestes regalar ou não os ouvidos lá no bosque de illusões, onde resoam as suas endechas e habitam os seus amores? Pois bem; a ideia da arte, assim como a ideia do Estado, como a ideia da historia, tambem cresceu em nossos dias. Assim como produzimos a sciencia geologica, que augmentou os nossos conhecimentos, na vida e na historia do planeta, produzimos a sciencia esthetica, que augmentou os nossos conhecimentos na vida e na historia da arte.

E notem que nenhuma das ideias fundamentaes muda tanto; nem a ideia cosmica, nem a ideia politica, nem a ideia religiosa, como a ideia artistica.

Os primeiros christãos viam nos labios das estatuas gregas o sorriso do demonio. Alguns dos padres da igreja aconselhavam aos artifices que pintassem e esculpturassem feio a Christo por ser cousa profana e até diabolica a formosura.

Na terra onde brotaram os deuses da arte, ao intermedear a nossa era estendeu-se a seita dos iconoclastas, que destruíam as imagens e mascaravam as ephigies. Duas das religiões que mais cooperam na educação do genero humano prohibiam que se reproduzissem ou se copiassem os seres animados, porque se reputava irreverencia dar aspecto de vida a figuras incapazes de alcançarem a vida inteira.

Recordações classicas teem tal omnipotencia na Italia, que nenhum dos artistas da Renascença comprehendeu a belleza do gothico. E os artistas da Edade Media, emquanto a Renascença não se avisinhou, não comprehenderam a correção nem a harmonia das ordens gregas. O auctor das emprezas politicas censurava Dante; e o auctor do Candido chamava disforme e barbaro a Shakspeare.

Um crítico do seculo passado, como por exemplo Moratin, ou dos principios d'este seculo, como por exemplo Sismondi, acharam monstruosos e até repugantes os mais sublimes dramas do theatro hespanhol. E um combatente romantico, demagogo da revolução litteraria do anno trinta, viu nas tragedias gregas, delineadas por Eschilo e Sofocles, frias estatuas de gesso.

O poeta admirador da antiguidade passou pelo poetico Assis de Umbria e visitou o templo imperial da decadencia romana, desdenhando do mosteiro de S. Francisco, impregnado de tantas e tão mysticas orações. E pouco distante d'alli, pelo cruzeiro da Porciuncula, como artista empenhado na resurreição da Edade Media, traçou um fresco em que, porventura muito de adrede, reproduziu a incorreção do desenho, proprio dos primeiros pintores monasticos, sómente por amor á archeologia d'um tempo já extincto.

O nosso gosto foge d'estas seitas intolerantes e condemna estes artistas exclusivos.

Tanto na historia como na arte somos muito mais unversaes e humanos.

Como padecemos com todos os opprimidos e admiramos todos os redemptores, temos o culto de todas as artes e por deuses todos quantos fizeram baixar dos ceus so-

bie o homem os resplendores da perfeita formosura. Não desdenhamos do poema indico em que as selvas resam cheias de poesia pantheista; nem do apologo persa em que o rouxinol e a rosa dialogam á sombra da palmeira e ao amor da lua reflectida nas aguas do Eufrates.

Seguimos a viagem dos argonautas atravez das ondas do Mediterraneo, e a peregrinação dos israelitas atravez das areias do deserto. Cantamos no côro, que á voz de Simonides celebra a rota de Dario e dos Cyros, e no côro que exalta o Eterno, á voz de Moysés na terra da Asia e á vista do Sinai, por castigo dos soberbos Pharaós.

Vamos de porta em porta como o Edipo colonio apoiado em Antígona, perguntando aos vivos pela causa do nosso peccado original; e de campa em campa, como o Hamlet dinamarquez que acaba de amaldiçoar Ophelia, perguntando aos mortos pelos enigmas de nossos eternos e silenciosos destinos.

Sentimos em nossas mãos o peso dos cadeiados e em nossos figados o espicaçar dos abutres, que lá no Caucaso atormentavam o Titan de Eschilo, e na nossa alma a dôr da escravidão e a inveja pela liberdade da ave, do peixe, do arroyo, do bruto, como na Hespanha dos enfeitigados e dos inquisidores sentia o Segismundo de Calderon.

Procuramos pela Judeia o sepulchro da filha de Jephthé; pela Grecia o sepulchro da sacrificada Ephigenia; por Verona o sepulchro da pobre Julieta, chorando com todas as infelizes em todos os tempos as desgraças do amor. Assistimos em espirito aos jogos pithicos, para na taça cinzelada por Praxiteles beber a agua de Castalia, e sob os ramos do loureiro do Apollo ouvir os versos de Pindaro e as paginas de Herodoto, enquanto os athletas vencedores recebem as suas corôas, e as virgens gregas cruzam as suas danças religiosas nos intercolumnios do templo tão harmonioso como uma ode, e em presença de um Deus tão sereno como os horisontes da Grecia.

E logo, como os pobres penitentes da *Torça do Destino* vamos ao ermo, cobertos com a tunica, cingidos de cilícios,

enterrar na soledade um coração desgarrado, macerar na penitencia um corpo dolorido; e abraçamo-nos á cruz de pedra que indica a entrada nos retiros do Senhor; e commovemo-nos ao som do sino, que tanto convoca os vivos como pranteia os mortos; e acudimos á sombra das torres e da ogiva e do cypreste; e, como as cegonhas, fabricamos nas agulhas das capellas, ou nas torrinhas dos pantheons ninhos de abro-lhos para a nossa alma desenganada; e ouvindo e entoando o Miserere de todas as penitencias, cavamos com o enxadão a nossa sepultura, não tanto para ter um logar na terra, como para recordar ás forças devastadoras da natureza que ainda existimos, e para pedir ao anjo da morte que, com as suas azas, disperse o nosso corpo como um montão de cinzas, e para que no solo coberto pela erva dos campos e humedecido pelo orvalho dos ceus, nos deixe aguardar no somno eterno a misericordia divina, que se compadeça de nós e perdoe as nossas culpas e ás nossas almas na hora apocalypta do juizo final.

Sim: pertencemos a todas as artes e a todas as litteraturas, uma vez que brotem d'uma fé sincera, d'uma inspiração singela e ingenua, e não representem restaurações litterarias ideadas com fins interessados e politicos alheios á pura inspiração da arte.

Somos como aquelles artistas da Renascença, que entre os precursores de Christo punham S. João e a Virgem; entre os doutores Platão, coroadado d'uma aureola tão sagrada como a de S. Agostinho ou S. Jeronymo; que collocavam os antigos moralistas entre os patriarchas adormecidos no seio de Abrahão: abaixo da ara onde se celebravam os incruentes sacrificios da nossa religião, os baixos relevos onde se viam as nymphas e os faunos ebrios com a ebriedade matinal d'uma vida exuberante; junto da hermeneutica evangelica, o mytho de Psyché, encerrando como uma allegoria da immortalidade da alma: e pelas abobadas da capella Sixtina, e pelos altares de Santa Maria de la Place, os oraculos de Delphos, representados pelas sibilas e as prophcias de Jordão e do Euphrates, representadas pelos prophetas, como

para dizer que o Oceano da nossa vida espiritual se formou com os quatro rios de ideias que fluem de Jerusalem, de Athenas, de Roma e de Alexandria.

Ha poucos mezes visitava eu a cathedral de Burgos, e estudando o seu côro, encontrei na mesma cadeira archiepiscopal, debaixo d'um relevo que representava uma scena mystica outro relevo que representava o rapto da Europa por Jupiter metamorphoseado em touro, e pareceu-me descobrir alli toda a historia da Renascença. Igual universalidade tem a nossa arte.

Não excluimos, por exemplo, na architectura o gothico, como os classicos francezes do seculo passado; nem o grego, como os romanticos allemães do seculo actual. Admiramos todas as architecturas admiraveis. E, como dizia o eterno oraculo do idealismo, n'este sentimento de admiração, cremos ter o principio da nossa sciencia.

MEDITAÇÕES

O mez de Maria.

A influção social é o thermometro porque se deve afferrir o valor das practicas religiosas: se alteam o nivel da moralidade depurando e acadinhando os sentimentos e o character, se dão á familia pureza, cohesão e amor e á ordem appoio certo e garantia firme e desbravam á consciencia a trilha do dever e lhe acalmam o fervor das paixões estuosas, então a practica religiosa bem merece a benção de todos.

Tal é o vasto alcance moral que tem a devoção do mez de Maria. N'esta mulher ideal ha um escriptorio opulento de perfeições, ha o reverbero astral de mil exemplos salutaes, ha as perolas de seus beneficios sem conto desbaratadas magnificamente pela humanidade que chora e soffre e arrasta a um calvario ingreme a cruz de ferro de suas desditas lacrimosas.

Eleição

Realisou-se no dia 6 de maio a eleição da nova meza da Associação de S. Luiz para o anno proximo.

A nova meza ficou assim constituída: Presidente-nato, P.^o Hermano Amândio—Presidente, Alberto Souza Moreira—Secretario, José Ferreira Leite—Thezoureiro, Manoel Antunes d'Azevedo—1.^o Procurador, José R. Vieira de Castro—2.^o Procurador, Manoel B. d'Araujo Abreu—3.^o Procurador, Antonio Dias Machado.

Um substancioso discurso

Entre os primores da festa de S. Luiz, que não foram poucos, prendeu-me muito de véras a attenção o discurso que pronunciou o rev. Cunha Gonçalves. O notavel orador, distincto entre os distinctos, deu-nos um discurso impecavel na forma e, o que é mais, apostolico e philosophico na ideia. Pondo em feço as virtudes de S. Luiz e sobretudo a firmeza e rizeza de caracter que cedo e elevou a uma extraordinaria perfeição moral, derivou para o estudo nitido e exacto da sociedade contemporanea. Verberou o pessimismo e o scepticismo que em tudo imprimem um profundo abatimento moral, manifestado a toda a hora na falta de caracter, de firmeza, de honra, e no culto descarado, que d'uma extrema a outra da escala social é prestado ao vil egoismo. Como remedio indicou a regressão ao espiritualismo christão, que só elle pode imprimir á alma robustez que a mantenha na linha da dignidade e da ordem moral.

Se todos assim comprehendessem a sua missão de oradores sagrados, o pulpito não se encontraria hoje tão diminuido do velho prestigio que lhe dava um aseedente incomparavel como escola de moral christã.

Veritas.

A educação deve ser auctoritaria

Quando falamos do futuro da educação é nas creanças que nós pensamos, mas a educação dura toda a vida. A edu-

cação da creança deve ser auctoritaria. A natureza fazendo-a *credula*, o quiz significar. A razão o prova tambem. E' necessario que o ser humano seja sempre guiado pela razão: por sua razão quando a possui já, pela razão d'outrem quando não pode ainda servir-se da sua.

Quanto ao homem é á sua razão que nos devemos dirigir. Explica-se-lhe o que se espera d'elle. Fornecem se-lhe os meios de reflectir. Appela-se para a sua intelligencia e para a sua vontade. E' a educação *philosophica*.

O educador, ou sejam paes ou mestres não propõem uma moral aos educandos, *impõem-na*. A moral não se põe em discussão nas escolas. As creanças não sabem ainda deliberar, sabem *crer*. O primeiro livro de moral não devia ter mais que duas paginas. A moral christã (os mandamentos) reduzem-se a duas linhas!

Jules Simon.

Publicações

A's publicações recebidas no mez de maio n'esta redacção referir-nos-hemos no proximo numero da «Creança»

Aulas em Agosto e Setembro

Haverá aulas durante ferias grandes para os alumnos que quizerem habilitar-se para os exames d'outubro bem como para quaesquer outros a quem convenha ficar no collegio.

Pro patria.

Todo o jôven portuguez tem na sua alma um sentimento muito vivo entre os que mais o são—o patriotismo—. A Patria é e deve ser um idolo; espirito que se não alvoroa ao som mago d'esse nome é uma alma morta. Morta e bem morta porque o patriotismo é a contraprova dos outros sentimentos que merecem a distincta rubrica de *nobres*. O caracter, o civismo, a honra, o espirito de sacrificio, a generosidade, são flores que não viçam ondequerque o sentimento da Patria esteja extincto.

Civis.